

RESENHA

PRECHT, Richard David. *Quem sou eu? E, se sou, quantos sou?* Tradução de Claudia Abeling. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009. 336 p.¹

*José Costa Júnior**

Temas tradicionalmente tratados por filósofos, como o livre-arbítrio, o conhecimento e a religião, vêm recebendo nos últimos anos cada vez mais atenção dos neurocientistas. Suas respostas, elaboradas a partir de estudos sobre a estrutura e o funcionamento do cérebro, têm motivado reações intensas tanto na comunidade acadêmica quanto na sociedade em geral. Tais temas são muitas vezes compreendidos como de impossível tratamento científico, com suas discussões e questionamentos reservados apenas à prática reflexiva e argumentativa da filosofia. No entanto, com o desenvolvimento das neurociências, em particular, e da biologia, em geral, esses têm sido tratados de modo diferenciado, originando disciplinas com nomes estranhos e que retratam uma dupla natureza investigativa: neuroética, neuroteologia e até mesmo neuroeducação. Atualmente, podemos ler nos meios de comunicação manchetes como: “Neurocientistas afirmam que o livre-arbítrio é uma ilusão” ou “Possuímos uma área no cérebro para a moral”. Tais resultados têm gerado questionamentos quanto ao alcance e a metodologia das neurociências e seu real impacto nas abordagens filosóficas de tais temas.

Tal debate insere-se num quadro mais amplo da relação entre ciência e filosofia. Muitas áreas antes consideradas parte da filosofia, acabaram por tornarem-se áreas da ciência, como, por exemplo, a física, a biologia e a psicologia (esta última, recentemente, no século XX). No entanto, muitos problemas realmente permanecem sem soluções experimentais, como as questões acerca da moralidade (*como havemos de viver?*), da epistemologia

* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor substituto de Filosofia do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IFSudeste MG) – Campus Juiz de Fora. E-mail: jose.costajunior@yahoo.com.br

¹ Tradução de *Wer bin ich - und wenn ja wie viele? Eine philosophische Reise*, publicado pela editora Goldmann na Alemanha em 2007.

(*o que é o conhecimento?*) e até mesmo da própria ciência (*o que é uma boa teoria científica?*). Tais questões exemplificam o tipo de problemas com que trabalha os filósofos, diferente do trabalho empírico e experimental desenvolvido pelos cientistas. A questão é até que ponto os resultados da ciência empírica, experimental e *a posteriori* (para ficarmos no vocabulário dos filósofos) podem contribuir para a reflexão filosófica *a priori*.

Esse lado complexo da relação entre ciência e filosofia tem uma tentativa de harmonização no livro *Quem sou eu? E, se sou, quantos sou?* do filósofo alemão David Richard Precht, publicado originalmente em 2007. Descrito pelo autor como um livro introdutório e de divulgação, é fruto, segundo ele, de sua desilusão com os rumos da filosofia acadêmica do seu país. Trata-se de uma interessante apresentação multidisciplinar dos problemas filosóficos, com algumas abordagens das questões – ou partes de tais questões – pela ciência. Esse é o traço inovador do livro, que aborda algumas possibilidades da neurociência acerca de algumas questões filosóficas, sem cair no cientificismo simplório, que tanto permeia as notícias sobre as “descobertas” das ciências, descrevendo-as como “revolucionárias” e “definitivas”. Trata-se de uma característica relevante, pois mostra que mesmo com todo o potencial da ciência, o trabalho filosófico ainda é de extrema importância, uma vez que precisamos estruturar e compreender tanto as questões quanto as respostas a serem colocadas. Ao longo do século XX, diversos filósofos trataram dessa complexa relação, como, por exemplo John Dewey, W. V. O Quine e os filósofos do Círculo de Viena. Mais recentemente, com os desenvolvimentos das neurociências e da biologia evolucionista, filósofos como Peter Singer, Thomas Nagel, Daniel Dennett e Philip Kitcher, Luc Ferry, Paul Churchland, entre outros, têm debatido sobre as implicações das descobertas científicas para a reflexão filosófica sobre suas várias áreas. O livro de Precht, *best-seller* na Europa, segue também por esse caminho.

A obra é dividida em três seções: *O que posso saber?* (nove capítulos), *O que devo fazer?* (dezesseis capítulos) e *O que posso esperar?* (nove capítulos). Rememora assim as questões colocadas por Immanuel Kant acerca do potencial humano na *Crítica da razão pura* (KANT, 2001 – KrVA 605/B833) e depois em sua *Lógica* (KANT, 1972 – Einleitung, III, AkIX, 25), o que podemos considerar como uma valorização da

necessidade do questionamento filosófico. Também é um simbolismo, na medida em que temos hoje novos meios para abordar tais questões. Em cada capítulo um problema é abordado, juntamente com a apresentação de um personagem relacionado ao tema, que variam entre filósofos, cientistas e até personagens ficcionais. Falta um tratamento um pouco mais rigoroso de alguns problemas filosóficos para que o livro possa ser devidamente utilizado em aulas de introdução à filosofia, mas é ideal como ferramenta acessória.

Na *Introdução* do livro, o autor nos informa sobre sua jornada na filosofia, e defende que é válido tentar relacionar diferentes modos de investigação realizados pela filosofia e pela ciência sobre temas relevantes como a consciência e a moral. A primeira seção, *O que posso saber?*, contém nove capítulos, em que Precht desenvolve uma exposição de caráter descritivo sobre os limites e possibilidades da percepção humana, envolvendo filosofia, psicologia, biologia e neurociências, juntamente algumas reflexões sobre suas implicações. Precht soa um pouco distante da filosofia aqui, situação que poderia ser melhorada com o reconhecimento de que as reflexões filosóficas contribuíram de forma elementar para o esclarecimento acerca da mente humana. No primeiro capítulo, temos uma instigante apresentação da famosa crítica de Friedrich Nietzsche à filosofia ocidental e de sua posição sobre o homem. Precht mostra também que o livro de um contemporâneo de Nietzsche alterou radicalmente a compreensão da humanidade: *A origem das espécies*, publicada em 1859 por Charles Darwin. A primeira seção ainda contém capítulos sobre as origens do homem, o cérebro (“a coisa mais complicada do mundo”). Há também uma interessante apresentação do cogito cartesiano, que busca um paralelo entre Descartes e um homônimo neurocientista, além de abordagens ao problema do livre-arbítrio, da relação entre razão e sentimento, além de um primeiro capítulo sobre o inconsciente. Este último item parte da discussão freudiana, que dialoga reflexivamente com pesquisas contemporâneas sobre o tema. Nos dois últimos capítulos temos uma análise da memória e da linguagem, esta última abordada a partir das teses de Ludwig Wittgenstein.

A segunda seção do livro, *O que devo fazer?*, conta com dezesseis capítulos, nos quais Precht trata de questões relativas à moralidade. Podemos dividir a seção em duas subseções: os primeiros sete capítulos

tratam reflexivamente de questões empíricas e descritivas, ligadas à origem da moralidade e do altruísmo, o estabelecimento de regras e princípios morais, além de outras questões empíricas sobre a psicologia moral. No capítulo sobre o livre-arbítrio, o autor expõe o tema a partir de uma perspectiva filosófica (baseada em Arthur Schopenhauer), seguida de sua contrapartida científica (as famosas experiências de Benjamim Libet sobre o livre-arbítrio). Também somos apresentados ao famoso caso de Phineas Gage, que em 1848 teve uma barra de ferro atravessada em sua cabeça. Gage sobreviveu ao acidente, porém deixou de ser o homem gentil que era e passou a ser um indivíduo antissocial e a não respeitar as regras básicas de convivência, com uma relevante distinção entre percepções e decisões, entre sentimento e razão, muito importante para a discussão sobre a relação entre cérebro e moralidade. Depois de sete capítulos sobre a origem o funcionamento da moral, Precht conclui que o ser humano é um animal com uma aptidão moral inata, mas este inatismo é de difícil medida. Os nove capítulos posteriores tratam de problemas práticos, de ordem mais reflexiva do que os capítulos da primeira parte da seção. Dessa forma, Precht trata dos grandes problemas de ética prática, como a eutanásia, o aborto, a questão da vontade de viver, os direitos dos animais, a clonagem, os limites e possibilidades da medicina reprodutiva e a ética ambiental, além das implicações da pesquisa neurológica, naquele que é um dos melhores capítulos do livro. Precht defende de forma primorosa que o desafio moral da neurociência envolve proteger o ser humano de possíveis usos indevidos dos novos conhecimentos sobre o funcionamento do cérebro, sem deixar de contribuir para a ampliação do conhecimento sobre os seres humanos.

Após tratar dos recursos do conhecimento e avaliar a nossa situação moral e alguns desafios, na terceira seção do livro Precht trata da terceira questão kantiana: *O que posso esperar?* No mesmo espírito que anima a obra, envolvendo considerações *a priori* e empíricas, temos uma rica investigação sobre fé, amor, felicidade, justiça e sentido e propósito da existência. Aqui, mesmo tratando de questões eminentemente filosóficas, Precht ainda apresenta algumas investigações científicas sobre os temas da seção. Nesse sentido, o autor apresenta e discute os principais argumentos a favor da existência de Deus, a natureza do amor, a liberdade, além de questões mais diretamente ligadas à política, como a propriedade privada

e a justiça. Por fim, no final da seção, volta a abordar temas mais amplos, como a felicidade e o sentido da vida. Dada a amplitude de tais questões, Precht raramente apresenta respostas prontas, mas não deixa de apontar a relevância de ao menos problematizar tais questões, reconhecendo nossas limitações e as variadas maneiras pelas quais podemos enfrentá-las. No entanto, talvez não encontremos respostas finais, mas poderemos aprender mais sobre elas ao longo da busca.

Há um *Apêndice* no livro com sugestões bibliográficas relativas a cada capítulo. No entanto, trata-se, em grande parte, de uma bibliografia em alemão. A editora da obra em português poderia ter apontando a bibliografia em português, uma vez que, num exame parcial e superficial, mais de dois terços dos livros citados possuem traduções para o português. Sobre a tradução em si, é muito boa para um livro introdutório. Encontramos alguns deslizes nos nomes dos filósofos, como “Mills” ao invés de Mill (p. 291) e “Denett” ao invés de “Dennett” (p. 316). Um índice de nomes ajudaria muito para efeitos de pesquisa num livro introdutório.

O livro é uma boa introdução à filosofia, numa abordagem pouco desenvolvida. O debate sobre os limites e possibilidades da filosofia geralmente não é exposto aos alunos de cursos de filosofia, em que o professor geralmente busca mostrar a relevância da prática filosófica, sem discutir muito seus limites e possibilidades. O livro de Precht aponta para tal debate, mostrando também a contraparte científica em relação a alguns dos problemas filosóficos, sem deixar de apontar também as limitações da ciência nessa busca. Assim, a proposta aborda filosofia e ciência, sem ser cientificista, o que é incomum nas raras abordagens que buscam envolver tais atividades. A filósofa Susan Haack (2012, p. 75-95) aponta em “Six Signs of Scientism”, como o título do artigo diz, os elementos de uma postura cientificista. Entre tais, há (i) o uso honorífico da ciência, (ii) o uso de termos científicos como adorno, (iii) a preocupação com a demarcação e (iv) com o método, (v) a procura por respostas além do escopo da ciência e a (vi) negação da legitimidade de outras investigações. O livro de Precht não possui nenhum desses sinais, buscando mostrar somente como ciência e filosofia lidam com as perplexidades e questões que assolam a nossa inteligência. Porém, aponta sempre os limites de cada busca e como uma pode contribuir com a outra, quando existe essa possibilidade.

Por fim, mesmo com a exposição constante das práticas da neurociência, alguns momentos de amplo destaque para experimentos científicos e com sua alegada desilusão com os rumos da filosofia acadêmica, Precht mantém-se como defensor da relevância da prática filosófica. A proposta geral do livro é que, por mais que nossas ciências se ampliem, certas questões de impossível resolução através de tais métodos persistirão. Sobre tais, somente podemos utilizar a nossa capacidade natural de reflexão, uma ferramenta que tem sido muito útil para animais como nós. O espírito geral do texto é próximo de Bertrand Russell, quem no último capítulo de *Problemas da filosofia*, escreveu que as questões filosóficas devem ser estudadas porque “alargam nossa concepção do que é possível, enriquecem a nossa imaginação intelectual e diminuem a confiança dogmática que fecham a mente contra a especulação”. Talvez, a capacidade para tal tarefa envolva boa parte do que nos faz, unicamente, humanos.

Referências

- HAACK, Susan. Six signs of scientism. *Logos & Episteme*, v. 3, n. 1, p. 75-95. 2012,
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- _____. *Lógica*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1972.
- PRECHT, David. *Quem sou eu? E, se sou, quantos sou?* Tradução de Claudia Abeling.: Ediouro: Rio de Janeiro, 2009.
- RUSSELL, Bertrand. *Os problemas da filosofia*. Tradução de Desidério Murcho. Edições 70: Lisboa, 2008.

Data de registro: 11/07/2013

Data de aceite: 20/11/2013